

# **O BRINCAR COMO PROCESSO DE CRIAÇÃO: REMINISCÊNCIAS DE UMA PRÁXIS EDUCATIVA**

Maria das Neves Alves Bibiana  
Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ)  
marbibiana@ig.com.br

## **RESUMO**

O presente projeto de pesquisa cujo tema é Experiências de uma prática educativa busca repensar o brincar e os processos de criação no espaço da educação, pontualmente na educação infantil. Para dialogar com o recorte da pesquisa, participei no TEAR do curso Artes Integradas na Educação, no qual foram desenvolvidos quatro eixos temáticos: ser, pertencer, perceber e criar. Fayga Ostrower e Célestin Freinet sustentaram a conclusão teórica da pesquisa, e se fizeram presentes, nesse trânsito de ideias e experiências, as reminiscências da minha trajetória como educadora do infantil. Todo esse conjunto de saberes conduziu a argumentação e construção da narrativa que tem o inquietante brincar infantil como ato de criação - questão esta central para a pesquisa.

Palavras-chave: **CRIAÇÃO, BRINCAR, EDUCAÇÃO INFANTIL.**

## **INTRODUÇÃO**

O tema deste projeto é Experiências de uma prática educativa. O objetivo trazer à tona as reminiscências da minha prática educativa como uma experiência fundamental para pensar o brincar no espaço e no tempo da educação infantil. É importante possibilitar espaço à criança para que o lúdico aconteça de uma forma criativa, livre e espontânea. Não falo só do espaço físico, mas também de direitos, oportunidades, autonomia e segurança.

O projeto estava inserido em minha própria vida muito antes de tomar forma no papel. Cada elemento colocado nessa pesquisa apresenta o aspecto humano de uma experiência profunda e complexa dos meus quinze anos como educadora do Infantil e participante da jornada estética e brincante no curso

Artes Integradas na Educação (TEAR). Tive a possibilidade de retornar a minha infância brincante nos encontros do TEAR Acredito na fala de Lydia Hortélio quando define uma verdadeira simbiose entre o brincar e o criar. A autora faz uma comparação entre o brincar e o criar com uma grande roda, ao darmos as mãos não são mais as nossas mãos individualizadas que adquirem expressão e sentido e, sim, o coletivo de mãos que formam a grande roda. Há, nesta imagem, um sentido de unidade e de pertencimento que se apresenta para o grupo. Assim acontece com o criar e o brincar, não é possível separá-los, juntos transformam-se em momentos de prazer que se traduzem na busca de dar sentido, estruturar e organizar o mundo. É brincando que a criança cria, faz, refaz e vê refletida a sua natureza interna neste mundo permeado de experiências.

Durante quinze anos, vivi momentos enriquecedores junto às turmas de educação infantil, observando de pertinho o brincar e muitas vezes fazendo parte das brincadeiras. Tive o privilégio de vivenciar esse brincar durante dez anos em uma escola particular .

Ao longo da minha jornada como educadora, percebi o quanto o brincar e em especial o quanto a dramatização, o faz de conta, é significativo na vida de uma criança. Encantei-me e venho me encantado com essa magia do dramatizar infantil e percebo como é importante para o desenvolvimento pleno do ser humano. Se os educadores futuros não tiverem um olhar mais profundo e sensível para esse brincar, os pequenos vão continuar criando, recriando, mas com pouco espaço para se expressarem.

Para a criança, o imaginário assume um papel de realidade vivida em seu grupo social quando se vê envolvida nessa atmosfera e nesse processo de

criação. A relação entre imaginação e realidade consiste no fato de que toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes nas experiências vividas pelo ser humano. Pensando o tema num campo ampliado, a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior de cada indivíduo, porque essa experiência constitui o elemento com que se cria o extrato da fantasia. Logo quanto mais rica a experiência, mais substância está disponível para a imaginação.

Busquei a fundamentação teórica nos autores: a polonesa Fayga Ostrower (1920-2001) e o francês Célestin Freinet (1896-1966), mesmo nascendo em espaços diferentes, abraçaram a missão de promover o desenvolvimento humano nas dimensões éticas e estéticas, através da arte e educação, contribuindo para a transformação social. Viveram em épocas de guerra, mesmo assim não deixaram de acreditar no homem que cria e transforma. Lutaram bravamente em favor da liberdade no criar e no pensamento.

Acredito na clareza e objetividade desses autores que mostram um criar que transforma, que comunica, que atinge realidades mais profundas das coisas. É preciso respeitar a expressão livre da criança e para isso os educadores precisam compreender o que a criança está produzindo em seu mundo de faz de conta. Só assim teremos espaços ativos de sentidos e, sobretudo, mais felizes.

O projeto é apresentado em dois sub-temas: A criança e o mundo , A liberdade manifesta o ato criador e relatos de experiências vividas com as crianças no espaço escolar.

## **A CRIANÇA E O MUNDO**

A criança é um ser social que nasce com potencial de desenvolvimento afetivo, emocional e cognitivo. Tem desejo de estar próximo às pessoas e é capaz de interagir, aprender e influenciar o seu ambiente. Para se desenvolver, portanto, as crianças precisam interagir com os outros por meio dos vínculos que estabelecem no seu contexto social.

O lúdico é uma forma significativa de interação da criança com o seu grupo social.

É através das brincadeiras que a criança desenvolve habilidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória e a imaginação. O Referencial de 98 orienta que a construção da identidade e da autonomia diz respeito ao conhecimento, ao desenvolvimento e ao uso dos recursos pessoais para fazer frente às situações complexas do viver. Para isso, é preciso que a criança possa aprender a gerenciar suas ações e julgamentos, exercitando o autogoverno.

Célestin Freinet argumenta que o papel do professor “é levar o aluno a uma visão mais rica e complexa do mundo em que vive.” (FREINET apud SAMPAIO, 1989). Por isso é importante valorizar a fala, a expressão da criança, possibilitando que ela reformule o seu pensamento, tornando-o mais completo e orgânico, cabe ao professor também compartilhar novas vivências para que essa reformulação aconteça com segurança, confiança e prazer.

A criança é espontânea, sensível e sincera em seu viver e é através do brincar que ela constrói e reconstrói suas experiências, estabelecendo uma forma de comunicação com o mundo. Por isso, é importante o adulto permitir a sua livre expressão. Quanto mais livre a criança manifestar a sua expressão, mais criatividade aflora. Fayga Ostrower (1986:127) afirma que “nas crianças, a criatividade se manifesta em todo seu fazer solto, difuso, espontâneo, imaginativo, no brincar, no sonhar, no associar, no simbolizar, no fingir da realidade e que no fundo não é senão o real. Criar é viver para a criança.”

Neste contexto, Freinet (1995:214) pontua que “toda criação, seja ela artística ou científica é um tatear experimental”, ou seja, a criação faz parte do processo de constituição do homem desde os tempos mais remotos. A criança também passa por esse processo de tateamento experimental. É necessário que o educador crie possibilidades para que a criança possa experimentar novos desafios em sua caminhada pedagógica, assim cria e constrói a sua história compreendida como mitopoética.

Como educadora do infantil, ao longo desses anos, busquei sempre que possível ter um olhar mais aprofundado. costumo levar diferentes materiais pedagógicos para a sala de aula a fim de ampliar o campo de experiência dos alunos de um modo geral e também venho promovendo atividades diversificadas para que cada aluno possa ser respeitado em sua especificidade. As reminiscências que costuram o texto da pesquisa dialogam com esses princípios.

Reminiscências de uma práxis educativa - O livro O Bichinho da Maçã, do Ziraldo, transformou-se no fio condutor para o projeto que levou o mesmo nome do livro em uma turma de crianças de 2 a 4 anos. Além das

dramatizações do livro, várias ações foram desenvolvidas nesse processo: exploramos frutas em um piquenique para tentar descobrir onde poderíamos encontrar o bichinho, colagem, desenhos, uma maçã gigante foi feita de jornal amassado com um bichinho de meia de criança, criamos maçãs individuais com dedoche e as prendemos em uma árvore na escola para que, na companhia do adulto, a criança “colhesse” a sua maçã e a autografasse. A família foi convidada a participar de uma tarde de autógrafos do livro feito coletivamente pelas crianças, uma reescritura da história do Ziraldo. Os responsáveis, além de estimularem o potencial criativo com a sua presença no encontro, saborearam um ponche de maçãs feito pelos pequenos (maçãs picadas com suco de groselha bem gelado). O projeto foi um sucesso!

## **A LIBERDADE MANIFESTA: O ATO CRIADOR**

O ato criador é um processo integralizador do homem, aponta para uma existência onde coração e mente atuam juntos em poética intimidade. Fayga compreende o criar como um processo existencial que adquire sua plenitude quando percebido de forma global e não fragmentado.

A criança tem uma qualidade ativa no seu processo de “invenção do mundo”, o lúdico é uma expressão criativa e espontânea que funciona como fio condutor para o seu tatear experimental. Foi observando, ao longo dos meus quinze anos como educadora infantil, as crianças brincarem e muitas vezes tendo o prazer de fazer parte da brincadeira que busco pistas que orientem o meu deslocamento reflexivo pedagógico.

Nesse trânsito de ideias, pude constatar, experimentar, refletir e sentir o acontecimento que rege o brincar no mundo infantil. Nele, uma corda pode virar cobra, trem, ponte, ônibus; um lençol sem utilidade e jogado no armário pode virar lago, casa, balão; um rolinho de papel higiênico vira monóculo, cachorro e carro nas mãos e no mundo mágico da criança. Nada passa despercebido, tudo se transforma no mundo imaginário do ser criador e em especial da criança. Ela tem a capacidade de dar vida aos seres inanimados. As crianças sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que as cercam. Um pedacinho de pau pode virar avião, gato, arma; folhas e flores mortas viram comida; uma caixa de papelão transforma-se em carro, casa, foguete, boi etc. É impressionante como buscam soluções para que o seu brincar tenha sempre espaço garantido no mundo dos adultos. Fayga diz que a criação nunca é apenas uma questão individual, mas que não deixa de ser uma questão do indivíduo. A criatividade infantil é descrita da seguinte forma pela artista:

A criatividade infantil é uma semente que contém em si tudo o que o adulto vai realizar. Interessam-nos as comparações com o mundo infantil para podermos enfocar mais claramente o início do processo criativo e também o seu desenvolvimento sob determinadas circunstâncias culturais, mas, enquanto fenômeno expressivo, a criação tem implicações diferentes para a criança e para o adulto. Nas crianças, o criar que está em todo o seu viver e agir- é uma tomada de contato com o mundo, em que a criança muda principalmente a si mesma. Ainda que ela afete o ambiente, ela nunca o faz intencionalmente; pois tudo o que a criança faz, o faz com a necessidade de seu próprio crescimento, da busca de ela se realizar. (OSTROWER, 1986: 130).

Reminiscências de uma práxis educativa - Como dar vida ao boi bumbá depois de conhecê-lo na literatura? Tudo é possível e se transforma no pensamento e

nas mãos de uma criança. Logo estávamos em roda com uma caixa, um lençol grande, algumas tintas e muitas ideias na cabeça para construir o nosso boi. Um responsável desenhista vendo a empolgação da criançada prontificou-se a desenhar a cara do boi. Tudo corria bem, já tínhamos a caixa que era a cabeça, o lençol o corpo e agora ganhamos a cara do boi. As patas? Ora, as crianças emprestarão os seus pés. O nosso boi pode ter quatro patas ou até mesmo oito patas, tudo depende de quantas crianças entrarão nele. Abrimos os olhos do boi na caixa, pintamos o corpo do boi no lençol com tintas distintas que estavam em quatro bacias. O lençol, ou melhor, o corpo do boi foi pintado com os pés no quintal da escola. As crianças iam “carimbando” seus pés no lençol depois de pisar dentro das bacias. Fechamos essa atividade com banho de mangueira.

O quintal dessa escola é a extensão da sala de aula. Assim como Freinet, aprecio as aulas fora dos “muros” da sala de aula. A criançada vibra. Foi rico esse momento para as crianças e para mim também ao presenciar a alegria e o envolvimento de todas na atividade que fazia renascer a tradição de uma história brasileira. Percebi com esse boi que a criança empresta a sua alma para o brinquedo. O boi corria no quintal com duas crianças dentro dele, depois com quatro no outro dia, com seis, oito. Realmente as crianças emprestavam as suas almas ao boi.

É na infância que essa expressão se intensifica e com isso novas histórias são contadas e recontadas por esses pequenos. Precisamos ver e ouvir delicadamente mais as nossas crianças.

Fayga escreve sobre a ação criativa da criança:

A criança age impulsivamente, espontaneamente para ver o que acontece. Embora, sem dúvida, haja sempre curiosidade acerca das conseqüências da ação, nem as conseqüências nem as próprias intenções são medidas ou avaliadas anteriormente à ação. A produtividade infantil é rica, em quantidade e descobertas. A nós adultos espanta muitas vezes pela “ousadia”, por sua liberdade de ação. Mas, na verdade, aquilo que, pela opção e pelas conseqüências previsíveis, significa uma experiência audaciosa para nós, para a criança é apenas o vivenciar natural da situação, não é mais ousada do que muitas outras experiências que a nós passam despercebidas. (Ostrower, 1986:127)

## **METODOLOGIA**

O projeto é de natureza qualitativa, o foco é o meu aluno de dois à quatro anos, o instrumento de coleta de dados consistiu em observações ao longo de dez anos, cujo cenário acontece em uma escola particular, que fica na rua Silva Pinto, 71 em Vila Isabel, Rio de Janeiro, chamada Pingo D'Água IBEL.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa cujo título foi Experiências de uma prática educativa é a afirmação de um olhar sensível e de uma práxis educativa que conjuga o binômio brincar e criação como instâncias do conhecimento, de revelação e de construção do mundo poético que sutilmente faz o mundo concreto mais rico de nuances e sentidos.

Percebi ao longo da pesquisa a importância de trazer à tona as reminiscências da minha práxis educativa como uma experiência fundamental para pensar o brincar no espaço e no tempo da educação infantil. Também, em sintonia com

esse percurso, a jornada no Curso de Pedagogia do ISERJ, o TEAR, a leitura dos teóricos Fayga Ostrower e Célestin Freinet e a orientação do Profº Dilson Miklos compuseram um mosaico que trouxe à luz uma perspectiva que compreende o brincar como uma instância de criação, de desvelamento do mundo e da nossa natureza mais íntima.

Cada passo do meu caminhar pedagógico foi fundamental para que pudesse sustentar um olhar sensível sobre o brincar como um processo de criação em uma escola que o desvaloriza como meio de produção do conhecimento e de construção do mundo poético. É comum o espaço da educação ver o brincar como passatempo, o recreio como prêmio para o aluno “quietinho” e cumpridor de suas tarefas de casa e de aula, que termina de copiar na hora certa, não atrapalha o professor no momento da explicação e nem brinca com o colega em sala de aula. O pátio é para o educador um momento de responder e registrar bilhetes na agenda ou “descansar” um pouco a sua mente.

Quando há espaço do brincar na agenda do educador, este não é livre e geralmente as crianças não podem contribuir com sugestões, pois o brincar só é válido quando sistematizado, ou seja, formatado em regras e limites precisos e aprisionantes. O adulto insiste em pedagogizar as brincadeiras.

É imprescindível que o educador legitime o momento brincante do pátio, do parquinho e da sala de aula como fonte de saber criativo e extraia desses lugares um sentido que o revele como espaço de crescimento e desenvolvimento pedagógico da criança. É preocupante observar a realidade desses espaços em nossas escolas, sejam elas particulares ou públicas.

Busquei no quintal do TEAR o resgate da infância de outrora no corpo de mulher. Pude reconhecer que o brincar requer espaço e se concretiza no criar. Foi oportuna essa experiência para todo o conjunto da pesquisa, primeiro porque aguçou o meu ser sensível, colocando-o em estado de latência, e segundo porque os seus ecos fizeram-se sentir ao longo da construção textual.

Fayga Ostrower e Célestin Freinet embasaram e nortearam a pesquisa e trouxeram à tona, sobretudo, a consciência afirmativa de uma práxis que já está em curso e que reconhece o brincar e a criação como pontos convergentes. Pensadores que apontam para o ser humano enquanto ser sensível, criativo, autor de sua própria obra e artesão de sua própria cultura.

É importante realizar projetos que tenham em sua raiz o desejo de dar sentido ao que fazemos, ao que somos e a nossa passagem pela existência. Registro aqui algumas reflexões que foram suscitadas ao longo da pesquisa: Como passar pela existência sem deixar a minha contribuição como educadora do infantil? Como passar por ela sem sentir no corpo físico e na alma a experiência do brincar, embora o tempo da infância já tenha ficado no passado? É possível!

Encontrei em Fayga e Freinet, no TEAR e nas minhas reminiscências o despertar de uma consciência, o “aconchego pedagógico” necessário para as minhas reflexões que sinalizam um caminho que agora é consciente e afirmativo de uma crença pedagógica que atribui à liberdade, ao brincar e à criação um valor fundamental não apenas para a educação, mas sobretudo para a presença do homem em seus distintos espaços e tempos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 2002.

FREINET, Célestin, Ensaio de psicologia sensível. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

, Célestin, Pedagogia do bom senso. São Paulo, Martins Fontes, 1985.

, Célestin. Para uma escola do povo. Lisboa, Presença 1973.

, Célestin, A educação pelo trabalho. Lisboa, Presença 1974. 2 vols.

<http://www.almanaquebrasil.com.br/personalidades-cultura/6904-e-preciso-brincar-paraafirmar-a-vida.html> Acessado em 13/02/2014.

OLIVEIRA, Anne Marie Milon. Célestin Freinet: raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica; Rio de Janeiro, Papéis e Cópias de Botafogo e Escola de Professores, 1995.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processo de criação. Petrópolis, Vozes, 1986.

, Fayga. Universos da Arte, Rio de Janeiro, Campus, 1983.

, Fayga. A sensibilidade do intelecto, Rio de Janeiro, Campus, 1998.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. Núcleo Curricular Básico Multieducação. Rio de Janeiro, 1996.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. Freinet: evolução, história e atualidades. São Paulo, Scipione, 1989.